

SAMBANDO PARA NÃO ESQUECER, RODANDO MEMÓRIAS, EN-CAN-CON-TANDO CONHECIMENTOS – INSPIRAÇÕES PRETAGÓGICAS

Dancing not to forget, circling memories, en-counting knowledge – “pretagogical” inspirations

Cláudia Nina Ramos

Professora da Escola de Tempo Integral Paulo VI, da Rede Municipal de Juazeiro, BA. Graduada em Letras, Mestre em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

claudianinaramos@hotmail.com

Jamille da Silva Lima-Payayá

Professora do Departamento de Ciências Humanas (*campus* IV) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), coordenadora do Laboratório Saberes Geográficos e Alteridade (SABGEO/UNEB).

jaslima@uneb.br

Recebido: 13.06.2022

Aceito: 20.06-2022

Resumo

As formas de ensinar estão ligadas aos modos de vida, por isso, a docência quilombola é oriunda e mantida pelas estratégias da comunidade, a partir de saberes próprios das relações cotidianas e da territorialidade. Esta docência é geograficamente centrada, a partir da ancestralidade e da espiritualidade. Neste sentido, promover uma educação antirracista e que tensione a colonialidade no âmbito da educação escolar quilombola, implica compreender a comunidade escolar em sua territorialidade, como aliança de reexistência. Este artigo investiga esta potencialidade no Quilombo do Rodeadouro, município de Juazeiro (Bahia), a partir da perspectiva da Pretagogia, a qual se apresenta como prática educativa fundada na oralidade e na ancestralidade, cuja força está na docência comunitária e nas suas práticas culturais cotidianas.

Palavras-chave: Pretagogia; Docência Quilombola; Territorialidade; Colonialidade, Reexistência.

Abstract

The ways of teaching are related to modes of life. Therefore, quilombola teaching arises from and is maintained by the strategies of the community, based on knowledge of daily relationships and territoriality. Furthermore, this teaching is geographically centred, based on ancestry and spirituality. In that regard, promoting an anti-racist education that stresses coloniality in quilombola education involves understanding the school community's territoriality as an alliance of re-existence. This paper inquires about this potential in Quilombo do Rodeadouro, municipality of Juazeiro (Bahia), from the perspective of Pretagogy, which presents itself as an educational practice based on orality and ancestry, which strength is in community teaching and its daily cultural practices.

Keywords: Pretagogy; Quilombola Teaching; Territoriality; Coloniality; Re-existence.

1. INTRODUÇÃO

A escola, enquanto campo do conhecimento sistematizado e sócio-historicamente constituído, opera como lugar de crédito e validação dos conhecimentos, alimentando, de um lado, esse sistema hierarquizado, mas se apresentando, de outro, como lugar que oferece a possibilidade de romper barreiras e construir articulações entre os conhecimentos. Dito de outra forma, na escola as epistemologias podem ser tensionadas, abrindo caminho para o reconhecimento de outras formas de ser/agir/estar no mundo pautado nas emergências do cotidiano, do real e da própria vida.

A hierarquização dos conhecimentos oriunda dos processos de modernidade/colonialidade afeta em diferentes níveis a população quilombola, como é o caso da comunidade do Quilombo do Rodeadouro, com a qual construímos esta pesquisa. Localizado acerca de 10 quilômetros da sede do município de Juazeiro, norte da Bahia, fica às margens do rio São Francisco. Possui uma população com pouco mais de 600 moradores, os quais vivem em aproximadamente 150 casas, distribuídas pelas ruas da comunidade. Além disso, dispõe de uma escola, uma igreja, uma associação de moradores, mercearias, bares, padarias, salão de beleza e um campo de futebol, possuindo, como principais fontes de renda, a agricultura, a pesca e o turismo.

Todas essas atividades foram afetadas pela situação pandêmica da Covid-19 (durante 2020-2021, período no qual esta pesquisa foi desenvolvida – RAMOS, 2022), comprometendo a articulação comunitária inerente e fundamental para o estar-junto da comunidade: o celebrar. Para isso, a comunidade empreendeu estratégias que contornam suas temporalidades, face ao desafio maior de resistir para existir.

Historicamente, os quilombolas do Rodeadouro percorreram um longo caminho permeado por lutas e resistências contra o projeto da modernidade/colonialidade. A oralidade, fundada e alimentada pela ancestralidade, tende a fulgurar na preservação da docência quilombola (oriunda da dialética das relações entre escola/quilombo). Esta é abraçada como alternativa de uma educação antirracista, e se inscreve, sobretudo, a partir da escuta das narrativas ancestrais constituídas pela própria oralidade.

A compreensão do processo de construção da docência quilombola pela oralidade africana no Brasil e sua contribuição nas práticas escolares do/no Quilombo do Rodeadouro, partiu da problematização do histórico de invisibilização, exclusão e negação de conteúdos que valorizam o legado e a história dos estudantes nas escolas,

especificamente, das crianças negras. Esta dinâmica contribui para obstaculizar o processo de identificação dos estudantes com o território na relação quilombo-escola.

A emergência das comunidades quilombolas, articulam-se desde seus saberes ancestrais para se lugarizar e se territorializar nos atravessamentos da diáspora. O território quilombola, portanto, não é uma mera projeção metafísica de uma África perdida, nem um simples compartilhar com os povos indígenas originários. Esta co-constituição marca o sentido geográfico da identidade quilombola, que negocia sua identidade no enfrentamento da colonização, como um movimento contra colonial (SANTOS, 2015).

Desta relação geográfica originária, emerge a docência quilombola como expressão de compartilhamento e enfrentamento, de conhecimentos ancestrais que se projetam desde uma ancestralidade cultivada nas práticas cotidianas, no escutar as lideranças, no aprender pela espiritualidade (PAULA JR., 2019). É fundamental reforçar os sentidos atribuídos ao território e à identidade para as práticas escolares, tendo em vista os elementos ligados à ancestralidade, manifestos nas práticas socioculturais desses povos, por meio das suas cosmovisões imbuídas de significados que fortalecem o pertencimento afrodescendente. Território é, aqui, culturalmente construído e significado, em sua multidimensionalidade (BONNEMAISON, 2003; HAESBAERT, 2004). Neste sentido, uma educação baseada no conhecimento afrodescendente ancestral territorializado é permeada por temporalidades e experiências geograficamente centradas, o que permite compreender a identidade quilombola por meio das reelaborações e reinvenções.

Assim como acontece com a docência indígena (LIMA-PAYAYÁ, 2022), a docência quilombola não se reduz ao âmbito epistemológico, cuja potência ética está na irredutibilidade ao “eu” ou a uma identidade metafísica. A docência quilombola implica uma dada relação com o conhecimento e com o mundo, como uma forte confrontação às forças da colonialidade.

Esta potência, no entanto, nem sempre é mobilizada no contexto das práticas escolares, devido aos próprios marcos pedagógicos atravessados pela colonialidade que negam, por exemplo, a potência da oralidade. É urgente, para uma educação escolar quilombola, promover agenciamentos que ajudem a borrar a separação das práticas escolares em relação à comunidade e ao seu contexto geográfico, fonte fundamental da docência quilombola.

A Pretagoria se apresenta, neste contexto, como possibilidade de reatar práticas escolares e a ancestralidade. Sua proposta, defendida por Sandra Haydée Petit (2015), está pautada na unidade da ancestralidade (OLIVEIRA, 2006), de modo a compreender

os mecanismos específicos da oralidade nos quais se assenta a docência quilombola, nas combinações do cotidiano da vida em comunidade ao longo das gerações. A Pretagogia atua em consonância com a reexistência dos quilombolas que sustentam suas tradições mesmo diante das forças de dominação colonialista eurocêntrica.

Nesse movimento de “abrir a porteira de dentro” (SILVA, 2013, p. 62) potencializa a oralidade, por meio das memórias ancestrais, a exemplo da narrativa da grande liderança do Quilombo do Rodeadouro: Dona Ovídia Izabel de Sena. Educadora escolar e da vida, mobilizadora das manifestações culturais tradicionais da comunidade, sua história de vida é repleta de atravessamentos com o quilombo. Ela também tem uma profunda relação com a Igreja, o Reisado, o Samba de Véio e a Associação de Moradores.

Meu nome é Ovídia Izabel de Sena, tenho 72 anos, moro aqui desde quando nasci, nasci e me criei aqui, casei e aqui estou e não tenho nenhuma pequena intenção de sair daqui dessa comunidade que pra mim, mesmo com todas as dificuldades, eu me sinto muito bem, aqui na comunidade e gosto e o caso da gente gostá, mas a gente também gostaria das melhoras na comunidade né, que tivesse um apoio, a gente tivesse um apoio dos nossos governantes pra melhorá a comunidade [...] (Dona Ovídia).

A docência quilombola tem, na fala de Dona Ovídia, o sentido da conexão com a herança ancestral de povos africanos e afro-brasileiros, compartilhada e construída comunitariamente no Rodeadouro, no sentido de concebê-la como produtora de uma epistemologia própria, como uma comunidade autopensante e autorrealizadora para as práticas escolares. Esse conhecimento afrodiaspórico é experienciado e organizado na trajetória ancestral de maneira afirmativa, expresso por essa liderança.

Desta forma, o objetivo deste artigo é mobilizar a escuta de Dona Ovídia como manifestação da docência quilombola do Rodeadouro, compreendida a partir da orientação pretagógica. As manifestações culturais do quilombo seriam, assim, expressões territoriais da ancestralidade, como potência e força mobilizadora de práticas escolares de enfrentamento da colonialidade na educação escolar quilombola.

2. PRETAGOGIA: ANCESTRALIDADE E ORALIDADE

A Pretagogia surgiu como prática nas atividades do Núcleo das Africanidades Cearences (NACE), sediado na FAGED-UFC, tornando-se depois um referencial teórico-metodológico que alia a força da oralidade africana com sua cosmovisão. Trata-se de “dispositivos pedagógicos que aliam vivência, produção didática, pesquisa, autoconhecimento e teorização”, como a própria Petit (2015, p. 107) sinaliza. Segundo a autora, ela se inspirou “no conceito de tradição oral na perspectiva de Hampâté Bâ (1982,

2001) e na noção de literatura oral africana de Finnegan (1970) para embasar teoricamente os trabalhos de 'apropriação da cosmovisão africana [...] com professoras e professores em formação inicial ou continuada' ” (PETIT, 2015, p. 108).

Petit (2015, p. 108) salienta que é das práticas e princípios das tradições orais que a Pretagogia se alicerça, isto é, ela potencializa “os aprendizados da nossa ancestralidade africana”. Pretagogia apresenta, assim, uma força para a constituição da educação quilombola de enfrentamento da colonialidade, tendo em vista que a docência quilombola preexistente na comunidade se materializa por meio das tradições nela experienciadas e transmitidas de geração em geração. Os corpos afrodiaspóricos marcam a apropriação do quilombo pela comunidade escolar, contribuindo para o estreitamento da relação entre estes lugares.

Tais perspectivas fazem jus ao reconhecimento das singularidades em torno das experiências históricas no encontro das epistemologias escolares com as epistemologias quilombolas. De acordo com Petit (2015, p. 119-120):

A Pretagogia, referencial teórico-metodológico em construção há alguns anos, pretende se constituir numa abordagem afrocentrada para formação de professores/as e educadores/as de modo geral. Parte dos elementos da cosmovisão africana, porque considera que as particularidades das expressões afrodescendentes devem ser tratadas com bases conceituais e filosóficas de origem materna, ou seja, da Mãe África. Dessa forma, a Pretagogia se alimenta dos saberes, conceitos e conhecimentos, de matriz africana, o que significa dizer que se ampara em um modo particular de ser e de estar no mundo. Esse modo de ser é também um modo de conceber o cosmos, ou seja, uma cosmovisão africana.

Esta proposta nos provoca a refletir o modo como nos constituímos nos atravessamentos das epistemologias escolares com as epistemologias quilombolas. Podemos refletir também sobre os processos de dominação implícitos nessas práticas escolares, pautados em um conhecimento universal, afetando a maneira como se dará o conhecimento no marco da modernidade/colonialidade.

Como pensamento descolonial, a Pretagogia pode ser compreendida como “pedagogia de preto para preto e branco” (SILVA, 2013, p. 62), nos ensinando que é possível empretecer a pedagogia partindo de teorias e de referências afro. A Pretagogia contribui para que a docência quilombola das lideranças seja ouvida e reconhecida na escola, como portadora que são de conhecimentos, para a constituição de práticas escolares. Como aponta Petit (2015, p. 125):

A Pretagogia incentiva a relação comunidade-escola, chamando mestres e mestradas da cultura para dentro dos recintos educacionais, bem como a saída para locais-recursos, ou seja, espaços que aproximem da compreensão da cosmovisão

africana, desde áreas naturais, ao ar livre, até sedes de entidades de praticantes das culturas tradicionais (vistos como pessoas – recursos).

Assim, a escola assume o papel de uma instituição capaz de contribuir para a construção, de maneira equitativa e antirracista, dos conhecimentos dos seus estudantes, de suas comunidades, assim como de seus territórios, concomitante à sua identidade e à diversidade étnica. Decorrente dessas práticas, o reconhecimento e a valorização do conhecimento da ancestralidade por parte da escola e dos seus agentes de modo transversal promovem uma abordagem curricular afro-referenciada que atravessa os processos educativos e formativos de professores/as.

A Pretagogia se articula com o contexto afrodiaspórico, marcado pelas manifestações tradicionais da docência quilombola na sua oralidade, por parte das lideranças quilombolas do Rodeadouro. A escuta de Dona Ovídia, guardiã ancestral do ser/sendo desta comunidade, permite ativar este caminho pretagógico pela ancestralidade.

A ancestralidade é uma forma cultural em si mesma ética [...] é essencialmente ético, visto que [...]. A ancestralidade, na perspectiva da experiência africana, é uma filosofia que, como todas as outras, produz mundos para muito além de produzir conceitos. Um mundo encantado, pois então, visto que a ética é a melhor maneira de encantamento (OLIVEIRA, 2006, p. 43).

Trata-se de promover a ressignificação e a transposição na constituição de práticas escolares por meio da docência quilombola, de modo a fortalecer e viabilizar o reconhecimento e a valorização das contribuições para os processos educativos e formativos dos/as professores/as, “propiciando vivências que privilegiem o sentir como forma de apropriação ancestral de seus ensinamentos” (PETIT; CRUZ, 2008, p. 2).

As teorias e as técnicas da pedagogia são variáveis e, portanto, contribuem para o surgimento de outras, o que reforça a construção da Pretagogia como encontro entre a pedagogia e as práticas fundantes da cosmovisão africana. Em síntese, a cosmovisão africana assume a concepção de universo “[...] como constituído de segredo e de revelação, do visível e do invisível, em constante interação; – ser humano como formado e dependente de elementos vegetais, minerais e animais, em simbiose com a natureza e com Deus (o sobrenatural), o que faz dele” (PETIT, 2015, p. 120). Esta relação está associada à herança familiar e clânica, pela linhagem, o que implica um sentido sempre coletivo e, ao mesmo tempo, reconhece o papel articulador do sagrado, do passado e do futuro (OLIVEIRA, 2006).

Petit (2015, p. 123) mostra que a cosmovisão africana e a ancestralidade podem fornecer bases para toda uma outra pedagogia, como propõe a Pretagogia, a qual está assentada nos seguintes valores, consoantes a esta cosmovisão: “O autorreconhecer-se afrodescendente, assumindo uma postura autoafirmativa e lembrando sempre a importância da raiz africana para nossa constituição como pessoa; - a apropriação da ancestralidade, pois fazemos parte de linhagens que envolvem os antepassados e os mortos”. Para a autora, a ancestralidade é chave na articulação dos princípios da Pretagogia: religiosidade como entrelaçamento de saberes, sacralidade como dimensão que perpassa as culturas, corpo como produtor de saberes, tradição oral como conhecimento transversal, princípio da circularidade na relação entre seres, tempos e coisas, território como espaço-tempo construído socialmente e compartilhado entre gerações e a compreensão do racismo estrutural que exige a desconstrução dos estigmas que definem o lugar social do negro em nossa sociedade.

Embora tenha havido o apagamento de tais valores associados à ancestralidade, as experiências vividas no Quilombo do Rodeadouro, assim como em outras comunidades quilombolas, configuram-se como reinvenções desta cosmovisão oriundas da diáspora, sustentadas e manifestas na corporeidade negra pela ancestralidade.

Assim, a Pretagogia é uma possibilidade de diálogo entre essas distintas epistemologias escolares e quilombolas, no horizonte da diversidade e da transdisciplinaridade, corroborando para que a docência quilombola seja ecoada na escola e na própria comunidade.

3. DOCÊNCIA QUILOMBOLA E SUAS MANIFESTAÇÕES TRADICIONAIS DE REEXISTÊNCIA

Compreendemos que a docência quilombola que buscamos indicou uma diversidade de conhecimentos e modos de vida que lhe são constitutivos. Ao pesquisar a prática da docência quilombola do Rodeadouro, observamos que os seus conhecimentos são inter-relacionados às práticas das manifestações tradicionais de reexistência, manifestas nos modos e nos fazeres da docência quilombola destes conhecimentos atrelados ao catolicismo, ao Reisado e ao Samba.

Concebemos por reexistência práticas de insistência de contornos políticos, culturais e sociais advindos de conflitos ou não, as quais possibilitaram aos povos quilombolas permanecerem em seus territórios. Esses atos de reexistência construíram manifestações tradicionais que não se reduzem a elementos materiais ou traços biológicos, mas a um

conjunto de elementos políticos, culturais e históricos. Assim, reexistência pelo direito de identidade e território são mecanismos primordiais para os quilombolas.

O conceito de reexistência, na forma como o utilizamos, dialoga com a perspectiva descolonial latinoamericana, como a manifesta por Carlos Walter Porto-Gonçalves, para quem “mais do que resistência, o que se tem é R-Existência posto que não se reage, simplesmente a ação alheia, mas, sim, que algo pré-existe e é a partir dessa existência que se R-Existe. Existo, logo resisto. R-Existo” (PORTO-GONÇALVES, 2008, p. 47). Trata-se, portanto, de um forte gesto político.

Nessa trajetória de reexistência à opressão histórica sofrida, a comunidade do Rodeadouro construiu sua própria história em uma dinâmica de enunciação e constituição no que tange sua singularidade. Sua docência quilombola foi aprendida no espaço da luta pela insistência de uma sobrevivência, fomentada pela ancestralidade e pela oralidade.

A Associação de Moradores do Rodeadouro é ativa neste processo, tendo papel destacado na organização política e cultural. Esta mobilização foi prejudicada pela pandemia, que dificultou a continuidade das atividades e reuniões. Segundo relatos dos membros da Associação, há grande dificuldade em suprirem as necessidades da comunidade, pois só têm suas casas, e estas também têm sido ameaçadas pelo aparecimento de um “dono” que afirma ter documentação de posse da terra. Entre essas lutas, há também conquistas, como no caso da criação da Associação Cultural do Samba de Véio do Rodeadouro, no ano de 2005, que contribuiu para fortalecer a sinergia na própria comunidade. Mais recentemente, ela foi incorporada à Associação de Moradores, por meio da Direção da Cultura, o que tem permitido contribuições que têm ajudado na sua manutenção.

Entre as atividades ancestrais que alimentam a comunidade, destaca-se o *Reisado*, o qual se encerrava com o *Samba de Véio*, que antigamente era só para pessoas idosas, que passavam a noite sambando. Trata-se de “um samba batido com os pés, em ritmo sincopado com as palmas e o requebro dos dançarinos” (CRUZ, 2007, p. n./d.), um dos mais conhecidos no Vale do São Francisco. Contudo, essa celebração ficou suspensa por dois anos, em função da situação pandêmica da Covid-19. Esse contexto afetou a comunidade, que tem que enfrentar mais esse obstáculo para a articulação comunitária inerente e fundamental para o seu estar-junto, o celebrar.

As formas de ensinar estão ligadas aos modos de vida, por isso, a docência quilombola é oriunda e mantida pelas estratégias cotidianas da comunidade, a partir de

saberes próprios das relações internas entre as famílias e do pertencimento à comunidade do Rodeadouro.

As trocas de informações passaram por mudanças ao longo do tempo, a partir do legado deixado pelos que vieram antes, mas sem comprometer a continuidade das manifestações tradicionais de reexistência, a partir das relações entre religião-cultura-território, tendo a ancestralidade como fio condutor. Neste sentido, a ancestralidade resguarda a transmissão dos elementos históricos coletivos, a partir da ideia de passado e presente no movimento do tempo e do lugar, apontando, assim, para a relação intrínseca entre lugar e cultura (OLIVEIRA, 2006).

Essa dinâmica se dá, na contramão da linearidade da epistemologia dominante nos ambientes escolares, a partir de um pensamento liminar, construído nos espaços limítrofes, ou seja, nas fronteiras da diferença colonial, o que a contorna como uma significativa e emergente gnoseologia no que tange ao subalterno. Mignolo (2005, p. 35) mostra que este pensamento causa deslocamentos e absorções que não se perfazem de sincretismos ou mesmo hibridismos, mas sim, “de um sangrento campo de batalha na longa história tanto da subalternização colonial do conhecimento, quanto da legitimação da diferença colonial”. Deste modo, o pensamento liminar sob o horizonte da subalternidade “é uma máquina para a descolonização intelectual e, portanto para a descolonização política e econômica” (MIGNOLO, 2005, p. 75). Ao fazermos a escuta de Dona Ovídia, temos a confrontação viva que sustenta e inspira a resistência, a partir destes espaços liminares fronteiriços, retratando a cosmovisão desse grupo:

[...] E toda vida aqui na nossa comunidade teve alguns movimentos e determinava como essa comunidade era diferente, né? [...]

É, apareceu aqui na comunidade uma pessoa da CPT o nome dela é Marina, hoje é aposentada. Ela fez várias reuniões aqui na comunidade e pelo que a gente passou pra ela, pela pesquisa que ela fez, aí ela descobriu que a nossa comunidade era uma comunidade quilombola. Só que quando a gente falava isso pras pessoas, as pessoas achava isso muito estranho: “Quilombolas?” “Que era isso?” “Eu mesmo que não sou quilombola!” E achavam que quilombola é aquela pessoa negra e que era um escravo, achavam que era isso. Mas com o passar do tempo aí a gente conseguiu descobrir através dos mais velhos, através da historiadora Maria Isabel.

[...] então a gente acha que por aqui foi ficando algumas famílias, mas pra mim falar pra vocês qual foi a primeira família daqui eu não sei, isso porque hoje a gente conversa muito com as criança. Tem até um trabalho nas escolas, mas antes, os pais da gente, os avós então, não contava assim, certo? Certas histórias, né? No caso, acredito que os meus avós, eles até poderia saber alguma coisa sobre esse africano, mas que na verdade eles não gostava de falar pras criança, que conversa de adulto criança não se mete. É o dizer que o pessoal tinha antes, né? (Dona Ovídia).

Essas falas revelam a constituição da identidade dos moradores do Rodeadouro, mesmo que ainda não no sentido de autorreconhecimento, e sim, a princípio, oriundo de um olhar externo para as práticas constituintes desta identidade que gerou a negação em seus moradores. No entanto, após este estranhamento, houve a aceitação e o sentido de pertencimento, o que se estendeu para os dias atuais.

Isso reforça a concepção de identidade como um fator a ser construído cultural e historicamente, o que nos leva ao movimento de pensar a identidade das pessoas negras de forma indissociável da sua experiência histórica construída. Segundo Munanga (1986), a identidade como fonte de sentidos e de experiência, ao mesmo tempo, exige reconhecimento, de modo a romper com a possibilidade de visualizações limitantes e depreciativas.

Assim sendo,

[...] gostar de ser negro depende do desenvolver da auto-estima. A forma objetiva de se atingir esse processo consiste em ações que promovam o resgate da cultura e história do negro, evidenciando seus heróis e vultos eminentes, uma vez que os modelos favoráveis à etnia, facilitam o fortalecimento desta auto-estima (CHAGAS, 1997, p. 77).

A apropriação do conceito e do debate sobre quilombo, bem como seu significado se insere em um horizonte de cunho identitário que é permeado pelo cotidiano dos moradores, tanto no presente, quanto na sua interação com representações criadas sobre o passado da comunidade do Rodeadouro.

Reconhecer a ancestralidade é um movimento que transcende a consanguinidade entre as famílias, ao passo em que favorece a compreensão da sua dimensão primordial como “categoria de relação”, relações entre as pessoas (OLIVEIRA, 2006). Além disso, a ancestralidade fortalece o sentimento de pertencimento à história local, como nos conta Dona Ovídia:

É, a gente conseguiu descobrir que na verdade essa comunidade foi originada através de um africano né? Um africano, que veio de um dos quilombos daqui, né? Fugiu [...] e veio se situar aqui no Rodeadouro e a situação dele eh, vai ali numa pedra que nós hoje chamamos Pedra do Alokê e outros chamam de Alok. Ele se situou lá porque aqui também passa o rio São Francisco, passava o rio São Francisco onde as pessoas navegavam daqui até Pirapora é, não era através de vapor, não era através de lancha, de motor. Era através de umas balsa, né?

O rio São Francisco representou e ainda representa o meio de vida da comunidade. Mesmo que não se veja mais balsas fazendo a travessia entre Juazeiro-BA e

Petrolina/PE, os barcos e canoas continuam pontuando a paisagem devido à prática da pesca, que é um dos meios de vida de grande parte das famílias na comunidade.

Dona Ovídia:

Todas as pessoas que morava aqui era agricultores, plantava aqui nesse tempo. Não tinha barragem de Sobradinho. O rio enchia e vazava no tempo determinado. As pessoas plantavam, né?

Nas encostas tudo que eles podiam plantar de feijão, de batata, abóbora, todo tipo de verdura plantava assim na beira do rio, só que não plantava de chuva não, que aqui geralmente a chuva não era assim controlada e outras pessoas eh plantavam na ilha. Uma ilha que aqui nós tinha como ilhote, que aí as pessoas iam para lá plantar e atravessava a mercadoria para cá e era assim que a gente vivia. [...]

Algumas família tinha um emprego melhor, mas a maioria vivia assim nessa luta, de criar animais, currais de criação de ovelha de cabra e até de gado. [...]

[...] E nós não tínhamos nada aqui na comunidade. Não tinha água encanada, não tinha luz elétrica, então a gente vivia assim nesse lugar, que assim, hoje a gente conta para nossos filho, nossos neto, eles não acreditam, né?

Percebemos que mesmo diante de tantas adversidades, a experiência da comunidade não registra desistências em garantir a continuidade da vida. Sempre com fé, coragem e luta por condições de sobrevivência frente à opressão que lhes foi imputada historicamente. As falas remetem para a importância de ensinar os seus descendentes sobre tais situações, pois muitas continuam marcando a vivência cotidiana e, quem sabe, estarão presentes no futuro da comunidade também.

Embora os testemunhos sobre a história da comunidade evoquem uma época de precaridades, vimos também que a prática da partilha marca a reexistência do Rodeadouro. É o que Dona Ovídia chama da “luta pelo dinheiro”:

[...] a gente vivia aqui na luta do dinheiro, mais mesmo assim, eu estudava, né? Nossos pais eram analfabeto, mais eles não queria que nenhuma das filhas ficasse também analfabeto, e na verdade, ele queira que cada uma tivesse um estudo, que fosse se formar, né? Então o pai da gente era desse tipo, e aí nós fomo crescendo, né? E estudando e depois, algumas pessoa que podia estudar em Juazeiro, né? Eu mesmo, eu tenho uma irmã, e hoje ela também é aposentada aí, mais ela estudou lá em Juazeiro e trabalhou até quando se aposentou.

A escola e a educação escolar se fizeram presentes na trajetória de Dona Ovídia, bem como de sua família, mesmo diante de tantos desafios: a vida de casada, a maternidade e a lida na roça com seus pais, não a fizeram abrir mão das oportunidades, o que possibilitou que ela se tornasse o que ela mesma chama de “professora leiga”:

As dificuldade são grande, mais antigamente, a gente tinha dificuldade, mais não era assim como a gente diz hoje, como se fala hoje. Sempre tinha os movimentos, sempre tinha a escola, só que não era como hoje. As escola que apareceu, os professores era tudo junto: primeira, segunda, terceira tudo junto, né? Multisseriado. E hoje é bem diferente, né? Mais antigamente era desse jeito, foi da maneira que eu aprendi e como a dificuldade era grande, mais a gente lutava.

A chegada da escola no quilombo e a chegada de Dona Ovídia na escola estão associadas, o que configura como um divisor de águas na sua trajetória de luta e de superação, como nos disse: “Graças a Deus, eu venci”. Essa luta não cessou em nenhum momento, pelo contrário, pois considera ser um desafio para toda comunidade não deixar as manifestações tradicionais de reexistência morrerem. Uma de suas ações, pensando nesta continuidade, envolve relacionar as manifestações culturais com a religiosidade: Dona Ovídia ocupa cargos de liderança na Igreja e na diretoria de cultura da Associação Cultural de Samba de Véio do Rodeadouro (ACSVÉR):

Aí um certo dia apareceu uma gente contando toda a história, o que é que tinha aqui que durante o 1º de janeiro até 6 de janeiro? Nós tinha o Reisado, isso é uma coisa que era antiga aqui na comunidade, era o Reisado e depois do Reisado, geralmente formava um Samba, né? Que hoje em dia, a gente continua com esse movimento até hoje e não queremos que esse movimento também morra, né? Queremos incentivar os novos. Nós não viemos aqui para ficar eternamente, então a gente incentiva as pessoas novas, né? Os jovens, para que eles também se interessarem por um movimento, e aí com essa aí, o movimento vem também na Festa de Padroeiro que os nossos pais dizia que era um movimento muito grande. A comunidade é pequena, mas o movimento era grande no dia da Festa do Padroeiro e também existia a Penitência.

Ao longo da conversa, Dona Ovídia, mostrava-se orgulhosa por seus movimentos que continuam reverberando nos mais jovens, ao mesmo tempo em que se mostrou inquieta a respeito do declínio dessa tradição advinda da Igreja Católica pois, segundo ela:

[...] antigamente não tinha outros tipos de religião, era só o catolicismo, né? Então era muita gente que se interessava pra sair na Penitência, são as mulheres que existe o Cordão de Alimentadores de Alma né? Que se veste toda de branco e que durante a Quaresma sai na segunda, na quarta e sexta-feira então, fazia isso, esse era um Cordão muito grande e existia também existe até hoje o Cordão de Disciplinadores, esses já são diferente né? [...] E mais um movimento que cada dia, a cada momento vai caindo um pouquinho, certo? Vai desaparecendo, mais que a gente quer que continue.

Dona Ovídia luta para que estas tradições continuem reverberando na comunidade, como um caminho que demarca pertencimento, identidade, orgulho e ensinamentos de modos próprios de ser-e-estar-no-mundo. Afinal, para ela, essas manifestações atravessaram sua infância e juventude, se fazendo presentes em toda sua vida:

Olha, a minha vida aqui na comunidade, é, foi uma vida assim, é um pouco assim, a gente chama aqui de devagar, porque as coisas não eram passadas assim, como as coisas não era aberta, não era abertamente, e as coisas mais oculta também, mais na minha juventude é, já comecei a me comunicar mais, né? Porque já fazia parte dos movimento, mesmo pequeno, mas ainda pequena, mas eu já fazia parte dos movimento, movimento de religião, movimento, desses movimentos do Samba, eu já fazia parte desde pequena é, antes é, só quem

poderia fazer parte desses movimentos, as pessoas de mais idade, mas eu comecei e não sei o porquê eu comecei, assim ainda nova.

[...] são os movimentos que eu gosto até hoje, tanto as manifestações culturais, quanto as manifestações religiosas, todas eu gosto de participar e também essa participação pra passar pra os nossos filho, nossos netos, né? Porque esses movimentos têm que ser passado de geração pra geração. Então a gente aqui e principalmente como aqui uma comunidade que é uma Comunidade Quilombola, então tem que passar todo esses passos, né? Para os nossos filhos, nossos netos aí, porque nós não viemos pra ficar aqui a vida toda.



Figura 1 – Dona Ovídia em apresentação do Samba de Vêio do Rodeadouro.

Fonte: ACSVER.

Sobre a presença do catolicismo no quilombo do Rodeadouro, Dona Ovídia nos contou que se iniciou nesta doutrina religiosa através da mãe, a qual sempre foi responsável pela igreja. Relata que antigamente só existia missa de ano em ano: “antes os padre dava era as costa pras pessoa, né, e falava uma língua que as veiz não entendia direito, né?” E acrescenta: “então, hoje já é bem diferente”. Quando sua mãe adoeceu e teve que ir morar em Juazeiro, Dona Ovídia ficou com “a responsabilidade da igreja e tô aí nessa responsabilidade até hoje. Me tornei uma Ministra da Eucaristia e hoje eu faço

parte aí, e sempre todos os movimentos as pessoas querem me botar na frente, né?”. Havia ainda outros movimentos no quilombo, como a Legião de Maria, Mãe Mainha, dentre outros: “[...] são vários os movimentos que nós temos aqui. A gente não para, tem que continuar, mais sempre no incentivo dos adolescentes, dos jovens, agora mesmo nós tamo aqui na expectativa pra preparar um grupo para a Crisma, enfim, a gente continua nessa luta”.

Petit (2015, p. 95) reforça esta associação entre as manifestações culturais e religiosas do catolicismo nos quilombos.

Para o negro e a negra afrodiáspóricos, a dança foi importante para resistir no e ao cativeiro. Conforme afirma Pereira (2005), os laços de sociabilidade e de solidariedade envolvidos nessas práticas culturais estéticas foram tão importantes quanto os quilombos e as rebeliões para a sobrevivência de negras e negros. A religiosidade que se manifestava através da musicalidade e da dança foi fundamental para sua preservação. [...] Vem, portanto, acontecendo até hoje por meio das danças e das festividades que ritualizam esse laço, frequentemente sob o manto do catolicismo, com nomes e reverências aos santos, predominantemente negros, como acontecia nas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário. Pereira chama de “tempo forte” a vivência desses rituais que permitem restabelecer o elo perdido, e negado, com a África, mesmo sob a aparência católica.

Petit (2015, p. 95) considera que mesmo diante da relação de subalternidade imputada ao povo negro pelo regime escravocrata, “[...] houve o reconhecido e temido entorno do conhecimento delineado pela sabedoria do povo negro no que tange à magia e o sagrado e ao longo da história destes se reverberou em práticas de cura, artesanato e culinária”. A autora discorre ainda que “[...] foi por intermédio da musicalidade e da dança que os afrodescendentes conseguiram influenciar, de modo mais profundo, a população em geral pela capacidade de integração, de astúcia e de apropriação de práticas corporais e espirituais católicas [...]”. Neste sentido, Dona Ovídia nos remeteu para as práticas religiosas que deram origem ao Samba de Véio do Rodeadouro, como expressão destas articulações, conforme mostra Petit (2015, p. 95-96): “fortemente africanizadas, ainda que de modo dissimulado, dentro do contexto de interdição, de demonização e de intolerância em vigor”. Em vez de submissão, isso aponta para a maneira como “os/as afrodescendentes conseguiram, em grande parte, transformar as interdições a que eram submetidos/as em reapropriação, perpassando as danças pela ética e pela estética negras”.

Mesmo diante da negação por parte de uns e do silenciamento de outros, as memórias com suas narrativas e suas histórias ancestrais não foram apagadas, nem poderiam ser, porque são elementos presentes cotidianamente na docência quilombola do Rodeadouro, sendo retroalimentadas e reinventadas constantemente. O rompimento

do silêncio e a resistência a processos de negação reforçam e são reforçados pelo reconhecimento por parte da comunidade da sabedoria e liderança de Dona Ovídia.

Estas articulações religiosas e culturais, no entanto, não o são sem tensões. Notamos o conflito entre as reinvenções existenciais da vida afrodiaspórica em interface com a dominação e a opressão doutrinária da religião, constituindo elementos discursivos de dupla pertença religiosa no Rodeadouro, que está fortemente manifesta no Samba de Véio e no Reisado.

[...] Então, tem um período e quando eu comecei nesse movimento, de movimento cultural era bem interessante, né? Só existia mais pessoas de idade e também não tinha muito jovem, porque antigamente tinha o período do Samba que era no mês de janeiro, então como é que fazia isso? [...]:

Saía cantando o Reisado em todas as casa e quando na casa que a pessoa aceitava, aí fazia o Samba. Esse Samba não é como hoje, era o grupo grande de pessoas e que eram animados também. Aí só que através do Samba existia sempre uma bebida alcoólica, então os mais velhos só que participava, então não tinha esse incentivo pra os jovens, né? Pras crianças, não, só era eles e também tirava esse Reisado é, e fazia um movimento assim, eu não sei se era um movimento de caridade, eu não sei [...].

[...] nas portas as pessoas dava alimento pra aquele grupo, né, do Reisado. Dava um alimento, dava farinha, dava rapadura, que antigamente existia muita rapadura, que antigamente dava muita rapadura. Hoje aqui que tinha os engenhos aqui por perto na região do Salitre, então tinha muita rapadura, né? É também farinha, era arroz, então sempre gostavam de entregar pra o grupo e no final desse Reisado, o que é que o grupo fazia? Fazia distribuição com todas as pessoa que fazia parte do Samba né, do Reisado.

[...] E depois é, o grupo era convidado pelos fazendeiros aqui da região. [...] Então que tinha que tirar um dia, um final de semana pra ir até a fazenda e lá na fazenda é, tinha esse Samba até o dia amanhecer. Era a noite toda, era muita bebida e era comida, quando amanhecia o dia, aí nós podia comer esse bode, e depois de comer esse bode, ainda tinha que sambar mais um pouco pra poder pagar o bode. Era assim um movimento muito interessante, né?

Ao proferir essas falas, o brilho no olhar de Dona Ovídia era latente: “eu fiquei assim, entusiasmada e continuei nesse movimento”, tendo parado quando se casou e teve filhos, embora tenha retomado após estes terem crescido, parando novamente apenas durante a pandemia.

4. REEXISTÊNCIA E DOCÊNCIA QUILOMBOLA

Ao final deste artigo, marcado pela escuta e pela circularidade, a fala de Dona Ovídia, essa ancestral viva, matriarca forte, revestida de sua docência quilombola, ecoa para além do Quilombo do Rodeadouro. Ela, uma ancestralidade latente, cuja força está no compartilhar, mostrou sua potência como ativadora de memórias, como mobilizadora de lutas, como continuidade e reinvenção de uma cultura que reexiste. Sua atuação

reverbera por cada pedaço de terra do quilombo e pelas águas do rio São Francisco, que molham seus pés e que lavam e revigoram a fé de que dias melhores estão por vir.

A docência quilombola no Rodeadouro mostra-se preñhe de possibilidades para uma educação escolar quilombola contextualizada e geograficamente significadã. A força da escuta de Dona Ovídia está na expressão que ativa e mobiliza as relações territoriais das práticas religiosas, nos fazeres cotidianos e no sentido da identidade quilombola. Sua voz reverbera pois não é apenas sua, no sentido egológico, mas um ressoar vibrante da ancestralidade.

A ancestralidade se vive no samba, nas celebrações, na circularidade da memória de saberes que não são apenas compartilhados em uma linha de transmissão, mas são ativados, criados, reconquistados. A reexistência, portanto, se fortifica como aliança e prática educativa que não está no âmbito da escola, mas que a inclui, e que se potencializa à medida que os muros entre comunidade escolar e comunidade quilombola se esvaem.

Mesmo os dois anos de interrupção das atividades coletivas, que atingiram a comunidade, não interrompeu a conexão e o compartilhamento dos saberes. Embora tenha produzido dificuldades, o caráter não remissivo da espiritualidade apresentou-se como uma fosforescência vivificante. A comunidade se reorganiza, retoma suas atividades e reexiste em sua maneira de ser.

A docência quilombola está impregnada nos corpos, nos fazeres, nas práticas, na religiosidade, expressão da oralidade que se multiplica pela ancestralidade. A Pretagogia se apresenta como possibilidade de não apenas ativar tais conhecimentos e valores, mas fazê-los transitar para as práticas escolares, o que fortalece o sentido territorial não apenas da identidade quilombola, mas da sua própria docência.

REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: ROSENDHAL, Z.; CORREA, R. L. (Org.) **Geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

CHAGAS, C. C. das. **Negro: uma identidade em construção**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 92p.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 396p.

LIMA-PAYAYÁ, J. S. Docência Payayá: educação indígena e geográfica para a alteridade. In: PORTUGAL, J. (Org.). **Educação geográfica: diversidade**. Salvador: EDUFBA, 2022. [no prelo]

MUNANGA, K. **Negritude: Usos e Sentidos**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986. 119p.

OLIVEIRA, D. E. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006. 220p.

PAULA JR., A. F. **Filosofia afro-brasileira: epistemologia, cultura e educação na Caiumba Paulista**. 2019. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Metodista, Piracicaba, 2019.

PETIT, S. H. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral – contribuições do legado africano para a implementação da Lei 10.639/03**. Fortaleza: EDUECE, 2015. 244p.

PETIT, S. H.; CRUZ, N. B. Arkhé: corpo, simbologia e ancestralidade como canais de ensinamento na educação. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. 31., 2008, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2008. p. 26-29.

RAMOS, C. N. **Pretagogia quilombola nas práticas escolares no/do Quilombo do Rodeadouro (Juazeiro, Bahia)**. 2022. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Diversidade) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2022.

SANTOS, A. B. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015. 149p.

SILVA, G. C. **Pretagogia: construindo um referencial teórico- metodológico, de base africana, para a formação de professores/as**. 2013. 242 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana**. Buenos Aires: CLACSO, 2008. 17p.

Recebido: 13.06.2022

Aceito: 20.06.2022